

Mão invertida 25 MAI 1988

Villas-Bôas Corrêa

Os que estão acompanhando a Constituinte de perto e até do plenário, têm-se enganado com alarmante frequência. Imagine-se as cautelas que devem ser adotadas pelos que estão de longe, com olho comprido e meio entortado no esforço de seguir um risco sinuoso, de muitas voltas caprichosas.

Mas, se ainda vale uma revelância à lógica e à evidência, o presidente José Sarney está com os cinco anos de mandato assegurados. Todos os sinais aparentes confluem para a confirmação do prognóstico, por assim dizer unânime. Ainda ontem, já com o convite no bolso para o jantar no Alvorada, o dr Ulysses avançou o palpite, naquele estilo barroco que é uma das suas prendas, sobre a tendência majoritária pela extensão a Sarney da regra dos cinco anos, aprovada nesta primeira rodada de votação para o mandato presidencial.

O agrupamento governista armazena foguetes para a ruidosa comemoração da vitória e mesmo se antecipa na sofreguidão de alguns rojões prematuros. Do outro lado só se registra o desânimo do reconhecimento da provável derrota. Claro que no dia e na véspera o clima se transforma, na excitação do momento de definição, com esperanças esvoaçando sobre os cabisbaixos e as apreensões toldando o céu dos favoritos.

Hoje, pelo que se sabe e enxerga, o governo corre apenas os enrustidos riscos do imprevisto. Afinal, a Constituinte tantas fez, que convém conservar as barbas no molho da prudência. Para não ser pilhado no aparvalhamento da decepção.

Ora, o presidente José Sarney vem praticando os seus truques. Só não estamos passando recibo nas mudanças porque não é fácil arquivar juízos sedimentados e abrir os olhos para novidades.

Para um presidente tido e havido como tímido, indeciso, hesitante, Sarney tem cometido ousadas e avançado com exagerada imprudência. As vésperas da decisão sobre o seu mandato, assinou os atos da nova política industrial, sabendo, em primeiro lugar, que desagradaria grupos de parlamentares e, em segundo, que estava avançando na contramão da Constituinte ou de algumas de suas afirmações mais polêmicas. Deu certo a ponto da renegociação da dívida externa, com missão do FMI bisbilhotando os escaninhos dos ministérios da Fazenda e Planejamento, não provocar nenhuma reação.

O governo está refazendo caminho pisando os mais paparicados tabus do PMDB. E aí tropeçamos com outra retificação temerária. Na maciota, sem alarde, o PMDB foi enxotado do governo. Não todo o partido, claro. Sarney está operando em cima do reconhecimento da divisão da legenda do dr Ulysses. Assumiu o *racha* e dele extrai as



conseqüências objetivas. O PMDB moderado, majoritário e governista ficou onde estava e mesmo ampliou as suas áreas privativas e as suas mordomias. Nenhum ministro pediu o boné. Mas os laços de solidariedade com o governo foram avivados, na cobrança do apoio firme e ostensivo. O aparte chegou até os governadores. Sarney compôs o seu buquê com as variadas flores do PMDB: do Newton Cardoso, espalhafatoso como uma dália, ao Orestes Quércia, com as matutas graças do manacá. Sobraram do jardim do dr Ulysses, o baiano Waldir Pires, meio lá meio cá; o Pedro Simon com as suas aperturas gauchas e o arguto pernambucano Miguel Arraes, a exibir as superioridades da experiência na habilidade adulta com que sustenta a sua coerência sem perder o senso da realidade, a impor cuidados ante a delicadeza do processo de transição.

Se antes da ratificação da certeza, preto no branco, Sarney está sendo forçado a decidir, engolindo sustos, o que deve vir, depois da curva dos cinco anos no papo, talvez possa ser entrevisto com razoável margem de probabilidade.

Os afoitos anunciam tremores de terra, transformações radicais, um novo governo com um novo presidente. Sarney não vai mudar, apenas ajustar-se a uma outra fase do seu governo. A última e que necessita resgatar erros e indecisões.

Certamente que com ou sem reforma parcial do ministério, muita coisa terá que mudar. Por absoluta, imperiosa necessidade, para justificar o mutirão pelos cinco anos, o preço que custou a intromissão militar sem disfarce e a mobilização implacável da máquina administrativa, generosa na aplicação dos princípios franciscanos na versão fisiológica dos intérpretes do *centrão*

Deve mudar, por exemplo, a mão no relacionamento do presidente com os governadores. Até aqui, Sarney precisou dos governadores para calafetar as brechas do PMDB progressista. E administrou fidelidade com critérios bancários.

Pois a partir dos cinco anos consagrados nas Disposições Transitórias, Sarney necessitará menos dos votos controlados pelos governadores do que os governadores da boa vontade federal, especialmente nos sufocos da campanha para a eleição municipal de 15 de novembro.

Eleição de prefeito e vereador é teste para a liderança do governador. Não do presidente. Sarney não tem como desvincular-se das eleições no seu estado. No Maranhão, ele e a família estarão enterrados até o gogó. Mas é só. No restante do país, só por uma improvável inhabilidade, Sarney se enredará numa campanha, na qual nenhum candidato o defenderá e, ao contrário, todos tirarão sua *casquinha* desancando um governo impopular.

O relacionamento entre presidente e governadores conservará sempre a reciprocidade dos interesses. Com a balança desequilibrada, folgando as costas federais.

Muitas vezes o governo anunciou mudanças e repetiu frustrações. Agora é a última oportunidade. Se Sarney encolher-se, jogará fora a vitória que custou, entre outros constrangimentos, o adiamento das eleições presidenciais diretas para o ano que vem. Isto é, parece...